

A vida cotidiana na fazenda de café a partir do contrato de trabalho: entrevista com LM.

Rosane Siqueira Teixeira

Figura 1: Colônia da Fazenda “Monte Alto” – Companhia Agrícola Pereira de Almeida, Cesário Bastos (SP), 1915



Fonte: Álbum de Araraquara 1915 (França, 1915, p. 233).

Não foi fácil encontrar um idoso, filho de imigrante italiano, cujo pai tivesse vindo para o Brasil antes da Primeira Guerra Mundial e trabalhado como colono nas fazendas de café. A indicação partiu de um fazendeiro da cidade de Santa Lúcia (SP). Para proteger sua privacidade, preferi chamá-lo de LM. A entrevista foi realizada na casa dele, na cidade de Américo Brasiliense (SP), com hora marcada. Não utilizei questionário, caderno de anotações, tampouco fiz coleta ou fotografei documentos da família. O clima de relacionamento foi agradável e possibilitou que LM falasse com naturalidade sobre assuntos importantes para minha pesquisa. A entrevista durou aproximadamente duas horas, e o recurso utilizado foi o gravador. LM nasceu na fazenda Monte Alto, localizada em Cesário Bastos, município de Araraquara (SP), no ano de 1925.¹ Na ocasião da entrevista (agosto de 2005), ele havia completado oitenta anos. Sua família era numerosa: LM possuía sete irmãos e, na sequência de nascimentos, era o antepenúltimo dos filhos. Até os dezoito anos, ele morou em fazendas da região de Araraquara; depois foi morar no Paraná. Neste estado, LM trabalhou em duas fazendas. Após alguns anos, ele retornou para Américo Brasiliense.

Esta é uma edição da entrevista que realizei para enriquecer minha dissertação de mestrado, intitulada “Italianos em casos de conflitos e tensões nas fazendas de café da comarca de Araraquara, 1890-1914”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (SP), em 2006. Nesta edição, a entrevista foi reproduzida de maneira fiel, porém houve alterações necessárias na ortografia e pontuação, uma vez que o texto original foi escrito literalmente conforme a fala do entrevistado.

Local de nascimento do pai de LM

Meu pai era oriundo de uma cidade chamada *Camero* (sic). Quando houve a guerra, a cidade foi destruída. Posteriormente, parte dela foi reconstruída e passou a chamar-se *Camerino* [região do *Marche*, província de *Macerata*].² Ele dizia que morava entre a alta e baixa Itália. Meu pai contava que em *Camerino* havia família com quarenta pessoas dentro de uma casa. Os filhos e filhas contraíam matrimônio e permaneciam morando com os pais. Em *Camerino*, a pessoa permanece em uma casa a vida inteira; cem anos a pessoa fica na mesma casa: vai se casando, vai ficando junto. Não tem outra casa, por isso meus avós e meu pai foram embora da Itália. Antigamente, os italianos aceitavam essa situação, mas hoje não aceitam mais.

Da Itália para o Brasil

Para fazer o passaporte, era necessário aguardar o comunicado que vinha de *Napoli*. A família não podia ser pequena, então vieram meus avós, meu pai e um tal de Cesar, filho de criação. O meu pai contava que o transporte que eles vieram da Itália para o Brasil tinha pouca diferença dos navios negreiros. Eles ficavam todos aglomerados no meio das cargas.

Os dialetos

Na Itália tem muito dialeto: o calabrés fala diferente do napolitano. É pouca diferença, mas fala. Minha mãe era calabresa da divisa da Grécia [sic]. Ela veio para o Brasil com doze anos de idade, aprendeu rápido a falar o português. Meu pai morreu com oitenta e quatro anos sem falar o português. Eu entendia o que ele falava, mas não era capaz de falar a língua dele. Meu pai assinou o jornal *Fanfulla* por mais de vinte anos; ele só queria saber das notícias da Itália, e não do Brasil.

A chegada ao Brasil

Minha família chegou ao Brasil em 1910. De Santos foram direto para São Carlos. Havia um abrigo muito grande nesta cidade, local onde os fazendeiros

buscavam as famílias. A situação não foi fácil, porque eles não sabiam falar a língua e não conheciam as comidas. A sorte da minha família foi ter sido encaminhada para um fazendeiro de origem italiana.

O casamento

Meu pai se casou no Brasil. Você sabe como era naquele tempo? A carroça encostava e os noivos juntavam as galinhas [LM começa a rir].

A profissão

Meu pai era colono em uma fazenda. Ele começou trabalhando na colheita do café e depois passou para a função de podador; nunca conseguiu ser administrador porque gostava de bebida alcoólica. Na Itália, bebia-se muito por causa do frio, a neve alcançava um metro e meio de altura. Ele trouxe esse vício da Itália.

Confusão com a língua

Certo dia meu avô chegou em casa e falou ao meu pai: o fazendeiro disse-me para ir amanhã. Amanhã em italiano é comer³. Então quem já entendia um pouco a língua portuguesa ajudava a explicar o significado da palavra.

O contrato de trabalho

O contrato de trabalho era registrado em uma caderneta produzida pelo Departamento do Trabalho de São Carlos [SP] com todas as cláusulas contratuais, sempre a favor dos fazendeiros.

O sistema de trabalho

O colono recebia dois mil pés de café por família para cuidar, pagos pelo fazendeiro a cada sessenta dias. Também havia o pagamento geral, que era realizado após a colheita. A prestação de contas ocorria no mês de outubro de acordo com o ano agrícola, de outubro a outubro.

O dia a dia

A corneta soava às seis horas da manhã. O aviso não era para sair de casa, mas para estar no eito. Onde ficava o eito? Onde o colono havia deixado a enxada na tarde do dia anterior e ia começar de manhã. Às nove horas a corneta soava para o almoço; ao meio-dia, para tomar café; e às seis horas da tarde, para ir embora. Nos meses de junho e julho, seis horas da tarde já era escuro, mas não podia sair antes de soar a corneta. Não era fácil! Ganhava-se muito pouco.

O final de semana

No final de semana, todo trabalhador cumpria duas horas de serviço. Na época da colheita, trabalhava-se no carreador ajudando a ensacar café para levá-lo à tulha. Se o trabalhador ocupasse o cargo de camarada, aquele que recebia salário mensal, trazia a carroça com capim.

As ferramentas de trabalho

Os colonos compravam as próprias ferramentas. Cada colono era obrigado a ter um enxadão, uma enxada, um rastelo e uma peneira, para estar preparado para o início da colheita. Quando começava a colheita, o colono, já com as ferramentas, passava na fazenda, pegava o saco vazio e levava tudo nas costas. Os sacos eram feitos de lona e tinham uma cordinha na borda. Neles cabiam cem litros. O colono utilizava os mesmos sacos até o fim da colheita: do terreiro, os sacos voltavam para o colono.

O colhimento do café

Para colher o café, minha família utilizava sempre uma cana de milho, porque ela não machuca o fruto. Em dias de chuva, eles colocavam a cana assim...e faziam assim...[demonstra com as mãos]. Desse modo, sobrava pouco para puxar com as mãos. Se o administrador ou fiscal flagrasse algum colono batendo nos pés de café, ele era expulso da fazenda no mesmo dia.

Os fazendeiros

Na entrada que vai para Guarapiranga [SP], que sai na faculdade [UNESP-Araraquara-SP], houve muitos assaltos. Os fazendeiros pagavam os italianos e, no caminho de volta para casa, os jagunços os esperavam para roubar-lhes o dinheiro e entregá-lo aos patrões. Então os italianos começaram fabricar espingardas caseiras e derrubar os jagunços. Ainda me lembro, quando viajei a cavalo, havia uma cruz em cima da outra, algumas com oito ou dez que a pessoa tinha matado. Foi assim que começou a reduzir o número de assaltos. Os italianos não esperavam nenhuma atitude do governo, porque os fazendeiros eram poderosos e mandavam na justiça. Recorrer ao Consulado também não resolvia. Além disso, havia sérias consequências para o colono que ousasse recorrer. Quando isso ocorria, o fazendeiro chamava o colono e dizia: Põe a sua mudança em cima da carroça. Você tem cinco horas para ficar fora da divisa da fazenda. Amanhã eu quero a casa desocupada. Sai fora daqui!

O administrador

O administrador se vestia com terno e bota, e se perfumava; estava sempre bem arrumado. Ele circulava por todas as partes da fazenda, montado em um cavalo manga-larga. Se o colono causasse qualquer desliz, ele repreendia, dizendo: Te passo o chicote! Meu irmão, que morava em Santa Lúcia [Irmão mais velho de LM. Na ocasião da entrevista, ele estava com 94 anos], que era um pouco “espinhado”, desentendeu-se com o administrador por causa da nossa casa na colônia. O administrador queria expulsar minha família da casa que morávamos, para colocar a família dele. Na fazenda, tinha colono que apanhava do administrador e não reagia. Com meu irmão era diferente, ele o enfrentava. Os italianos que conseguiram alcançar o cargo de administrador estavam sempre a favor do patrão, porque não queriam perder a colocação. Mas o patrão ficava observando se ele estava desempenhando as tarefas com êxito. Falar a língua portuguesa era uma exigência para ocupar o cargo.

Como plantar o café

Na Itália, meu pai plantava trigo. Na fazenda, ele aprendeu a plantar café com o administrador. Abria-se uma cova quadrada na medida de 40x40x40, sete palmos para cima. Colocavam-se quatro caroços em cada cova. Quando o café alcançava essa altura [LM mostra a altura], abriam-se os palmos e ele saía. Hoje em dia não se usa mais este sistema.

As casas nas colônias

Na fazenda, as casas do administrador e as dos fiscais ficavam próximas, mas afastadas das casas dos colonos. O tamanho das casas dos colonos variava de acordo com o tamanho da família e do número de braços para lavoura. A família grande ocupava uma casa com quatro ou cinco quartos. Já a casa de uma família pequena possuía dois quartos. Era uma porcaria! A casa era coberta com galho de coqueiro, então enchia de ratos. O piso era feito de terra batida. Aliás, não tinha piso, era chão. Lá em casa, quando chegava o sábado, minha irmã cobria o local que tinha buraco, nivelava e jogava cinza por cima. A cinza impede que a terra cole nos pés. Mas isto durava pouco. Em dois dias já não tinha mais nada. Era muito sacrifício! Muito!

Os relacionamentos

Nós brincávamos com os filhos dos espanhóis. Às vezes, o italiano se relacionava melhor com os espanhóis do que com o próprio italiano. Lembrome que, quando alguém falava que os espanhóis e os calabreses estavam

juntos, as pessoas procuravam se distanciar. Os espanhóis também são muito encrenqueiros. Naquela época, havia muitos espanhóis por aqui; também havia portugueses. Os imigrantes não se misturavam com os nordestinos, porque as brigas entre os dois eram constantes. Os nordestinos iam para a fazenda derrubar matas. Quando permaneciam, ocupavam a função de camaradas: cortar grama, puxar esterco para lavoura etc. Toda fazenda possuía casas somente para camaradas. Lembro-me, quando criança, dez ou doze anos, os negros passavam perto da gente, cumprimentavam e tiravam o chapéu. Eles eram muito discriminados.

A falta de escola nas fazendas

De modo geral, nas fazendas não tinham escolas. Todos nós éramos analfabetos. Comecei ir à escola em 1932, com sete anos. Mas a escola que eu frequentava foi incendiada por um grupo de mineiros. Para continuar os estudos, minha irmã levou-me para a escola na fazenda do Bento de Abreu [Bento de Abreu Sampaio Vidal foi importante político de Araraquara, SP, nos anos 1900]. Um ano depois, foi autorizado o deslocamento da criança para escola em Santa Lúcia [SP]. Mais adiante, a Usina Santa Cruz [Américo Brasiliense, SP] construiu colônia e escola, e disponibilizou a Perua para transportar as crianças todos os dias.

O desejo de voltar à pátria

Todo italiano que emigrou para o Brasil, veio com a intenção de voltar. Mas o dinheiro não sobrava nem para pagar o armazém. Como íamos conseguir dinheiro para voltar? Do Brasil para Itália ninguém pagava a passagem. Meu avô, pai do meu pai, passou a vida toda dizendo que queria voltar à Itália. Certo dia, ele desapareceu e fomos encontrá-lo bem distante de Araraquara, quase perto do Rio Jacaré [Rio Jacaré-Guaçu, SP, atravessa vários municípios próximos a Araraquara]. Ele nos disse que estava indo à Itália.

NOTAS

¹ Segundo França (1915, p. 231), “a 4 quilômetros da Estação de Cesário Bastos, a fazenda ‘Monte Alto’ possui 250.000 cafeeiros que produzem em média 20.000 arrobas. A área total é de 494 alqueires, sendo 140 em cafezais, 50 em pastos e o restante em matas. Existem 13.000 cafeeiros em formação. A fazenda, que conta com 49 cabeças de gado, 59 animais de custeio e 3 cavalos, é banhada pelo córrego Ponte Alta, que forma um belíssimo salto dentro da fazenda e por nascente. Possui esplêndidos terreiros ladrilhados, máquinas, confortável residência, olaria e um bem sortido armazém onde se fornecem as 46 famílias de colonos ali existentes”.

² LM transmitiu a história, equivocada, que ouviu do seu pai. A *comune* de *Camerino* tem suas raízes seculares.

³ Amanhã na língua italiana é *domani*; comer é *mangiare*. Possivelmente, LM se refere a um dialeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA, A. M. **Álbum de Araraquara 1915**. São Paulo: João Silveira, 1915.

TEIXEIRA, R. S. **Italianos em casos de conflitos e tensões nas fazendas de café da comarca de Araraquara, 1890-1914**. 129p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1437?show=full>>. Acesso em: 28/04/2022.

